

Comunicação e mediações: *novas perspectivas*

**ENEUS TRINDADE
LUCIANO VICTOR BARROS MALULY
MARIA ANGELA PAVAN
MARIO L. FERNANDES (orgs.)**

**PROCAD – CAPES
Universidade de São Paulo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul**

ISBN 978-65-88640-27-2
DOI 10.11606/9786588640272

**São Paulo
Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP)
2021**

Potencial crítico dos estudos de recepção no contexto do Big Data¹

Roseli Figaro ²

Introdução

O papel e a relevância das instituições na formação do sujeito social são temas de inúmeras áreas do conhecimento. A Filosofia, a Sociologia, a Psicologia, cada qual no espectro que lhe concerne, tratam do papel da família, da escola, da igreja e dos meios de comunicação na formação dos indivíduos. Para a área da Comunicação essa discussão é fundante, visto que seus estudos se iniciaram e avançam na conformação de uma área específica do conhecimento, exatamente no contexto das diferentes abordagens sobre meios de comunicação analógicos no século XX e agora digitais.

As discussões teórico-metodológicas sobre o papel dos meios de comunicação na formação do sujeito vinculam-se a diferentes tradições filosóficas, sociológicas, psicológicas, como já dissemos, e cada tradição revela um paradigma do pensamento científico: idealistas, materialistas, racionalistas, empiristas, metafísicos e materialistas dialéticos. Em torno da relação sujeito-objeto, clássica na problemática da reflexão filosófica, construiu-se o pensamento científico. No objetivismo, a possibilidade do conhecimento é dada pela coisa em si a conhecer. O sujeito é externo a essa objetividade e tem a tarefa de alcançá-la e deslindar a verdade dela. O subjetivismo, cuja expressão maior está em Immanuel Kant, dá ao ser a possibilidade limitada de conhecer devido aos “óculos” de seus sentidos e experiência, sendo a realidade em si inalcançável. A virada linguística da Filosofia no século XX recoloca a questão do conhecimento, mas em outra tecla: destaca o papel fundamental dos signos e das linguagens como os construtores do mundo acessível ao conhecimento, daí as noções de verdade do conhecimento estarem submetidas aos processos de ‘revelação’ da linguagem.

Deixa-se de lado, porém, uma corrente de pensamento que não opõe sujeito-objeto. Ao contrário, destaca a relação intrínseca entre eles. Trata-se do materialismo dialético. Tradição que se coloca a partir das contribuições da dialética hegeliana. Hegel insere a contradição como elemento fundante do processo de verificação para o conhecimento. O movimento pendular entre sujeito e objeto revela a contradição e é a partir dela que se pode avançar (SADER, 2007). Marx e Engels (Ideologia Alemã, 2007) darão sua contribuição ao recolocarem a dialética de Hegel no patamar das condições objetivas, concretas em que o movimento das ideias está contextualizado. Assim, objeto/sujeito não se separam como polos opostos, mas se relacionam na

medida das condições concretas do transcurso da vida e da história. As ideias são geradas pelas condições objetivas da realidade concreta. As contradições dessas relações propiciam mudanças que operam causalidades, negações, consequências e transformações.

Desta feita, tratar do papel dos meios de comunicação na vida social não pode ser dissociado das formas de se compreender as relações sociais como parte do movimento de objetivação/subjetivação das formas de organização da vida concreta, ou seja, as condições de vida para suprir as necessidades econômicas, culturais, expressivas e estéticas dos seres humanos na sociedade. Essas condições históricas sempre têm em conta o movimento de relação intrínseca e contraditória entre objeto/sujeito, um afetando o outro. Dito de outra maneira: o ser humano faz-se e faz sua história sem ter consciência plena desse fazer no momento de sua feitura. Donde temos conceitos importantes como alienação e ideologia. Ambos nos colocam distanciados daquelas vertentes filosóficas que afirmam a polaridade irremediável entre objeto-sujeito. Em Marx e Engels (2007), ousou afirmar, que alienação e ideologia são expressões objetivas dessa contradição inerente ao movimento da história (como produção humana e produtora do humano).

67

É a partir dessa compreensão filosófico-sociológica que pesquisamos a comunicação e o sujeito no processo de comunicação, sendo o sujeito enunciador/enunciatório, produtor e receptor ao mesmo tempo (desde sempre, ao longo da história, e não agora com o digital e a internet). Isso significa afirmar que as relações sociais são pautadas pelas relações de produção e distribuição dos bens materiais criados nos processos de organização da vida e do trabalho (WILLIAMS, 2011). Assim as instituições são expressões concretas das relações de poder (econômico, político, de força). Os meios de comunicação são criações advindas da relação sujeito/objeto, materializados em artefatos (FOLCHER; RABARDEL, 2007) e em formas de expressão cultural, fruto das contradições da vida e do trabalho, do desenvolvimento tecnológico e do conjunto das forças produtivas. A institucionalização deles é resultado das formas de organização do poder na sociedade. As instituições são estruturas de poder plenas de contradições, nas quais as disputas se manifestam tal qual no conjunto da sociedade.

Assim, as discussões sobre os *efeitos* dos meios de comunicação nas *audiências* e o papel desses meios na alienação das populações precisam ser contextualizados aos paradigmas filosóficos e sociológicos correspondentes. O tema dos *efeitos* dos meios de comunicação sempre foi objeto de discussões acaloradas desde o advento do cinema. A maneira de colocar o problema já denota vinculações teóricas. A expressão *efeito* advoga certo teor de sentido vinculado à ‘mudança de estado’, a exemplo de um pensamento marcado pela influência dos avanços das ciências biológicas, na

preponderância do objeto sobre o sujeito, e uma visão sociológica marcada por funções das partes(indivíduos) submetidas ao todo (sistema do capital).

As teorias funcionalistas, vinculadas à visão sistêmica da comunicação, antes ainda, a teoria hipodérmica, que advoga a influência direta da mensagem na mudança do comportamento do receptor e as teorias críticas da Escola de Frankfurt deram vazão, cada qual com seu conjunto conceitual, à ideia dos *efeitos* dos meios de comunicação. Essa visão teórica foi contestada em outras áreas de estudo, tais como na literatura e nos estudos culturais. Muito já se falou sobre a importância da Escola de Birmingham, sobretudo de E.P. Thompson, Raymond Williams, Richard Hoggart e Stuart Hall, na produção de uma crítica da cultura em relação ao poder com objetivos de resistência e emancipação sem, no entanto, reduzir a ação do sujeito a respostas, a efeitos. Também não vamos avançar, mas apenas ressaltar, a importância de Antonio Gramsci, G. Lukács, Lucien Goldman nessa discussão. Celso Frederico (2005) tem contribuído imensamente para dar estofamento teórico a aspectos das relações de poder na cultura.

Nos anos de 1980, as teorias sistêmicas sobre os efeitos dos meios de comunicação e as teorias críticas à indústria cultural foram também amplamente questionadas pelos estudos de recepção latino americanos, inspirados nas obras de Jesús Martín-Barbero. As mediações culturais na comunicação e, depois, as mediações comunicativas na cultura, materializadas em lógicas de produção, formatos industriais, competências de recepção e matrizes culturais foram se colocando como alternativa teórico-metodológica para inúmeras pesquisas. O objetivo dos pesquisadores era a de compreender o processo de comunicação em sua diversidade e complexidade, sem reduzi-lo à linearidade da ação reação, emissor, mensagem, receptor. Tal abordagem estuda o sujeito social como ser histórico em duas dimensões: uma que deriva para condição de que o sujeito é um ser ativo e de vontade e livre e autônomo para suas escolhas; outra que entende o sujeito como um ser social, histórico que opera com a contradição de ser ativo responsável por seus atos e, ao mesmo tempo, submetido à lógica do poder ideológico hegemônico, oscilando, nesse sentido, entre alienação e a ação histórica.

A partir dessas posições, buscamos dimensionar, nos mais de trinta anos de “Dos meios às mediações” (1997), livro já clássico, que muito inspirou e ainda inspira os estudos de recepção na América Latina, as contribuições suscitadas pela obra barberiana para pensar a comunicação na era do *big data*. Maria Immacolata V. de Lopes fala de uma “epistemologia da comunicação barberiana” (2018, p. 42) que pretende “cartografar o conhecimento das práticas comunicacionais e culturais Latino Americana”. Uma epistemologia cujo método cartografa os rastros, ação nunca finalizada e, como mapas noturnos, seus agentes registram a importância das

periferias por meio dos discursos de resistência e da diversidade. Temas como culturas populares, resistência, periferias, diversidades são tratados pelo olhar das mediações comunicativas na cultura e suas intersecções com as estruturas de poder.

Por outro lado, os meios de comunicação mudaram muito nesses trinta anos e as interações entre humano e máquina ganharam outras dimensões. Para além das mediações comunicativas da cultura, a lógica dos meios digitais é a de controle e extração de mais valor (por meio de captação das informações pessoais) das trocas comunicativas. A computação, baseada no rastreamento de dados, implica ao mesmo tempo tudo que é diverso e ainda não captado, para tudo homogeneizar em bancos de dados que servem para a produção de modelos a serem aplicados para medir e alterar ações e comportamentos humanos. O rastreamento de dados alimenta o *big data* como grande repositório de todas as informações, de qualquer natureza, tudo o que possa ser marcado como um sinal, um signo ou um símbolo produzido e veiculado na internet. O *big data* é um “ente” dinâmico que abastece algoritmos que nutrem e operam os aplicativos e a funcionalidade dos dados organizados com direção objetiva. “As populações são as fontes das quais a extração de dados procede e os alvos finais das ações que esses dados produzem” (ZUBOFF, 2018, p.34). Os algoritmos são, nesse sentido, sentenças de prescrição, normativas que analisam e organizam os dados para operar sua funcionalidade. São eles os propiciadores da maior parte de nossas atividades na internet. Qualquer aplicativo atua a partir dessas sentenças organizadas de prescrições a que chamamos de algoritmos. Como prescrições, atuam antevendo nossas ações, são como antecipadores de nossos comportamentos. Bruno (2018) fala de “visão algorítmica” como “lógica de controle que deseja intervir diretamente sobre a própria ação, ou mesmo, antes da ação.” (p.247). Nick Couldry e Ulises Mejias (2018) reportam-se à lógica do *big data* como “Colonialismo de dados”. Os autores pretendem explicar que o capitalismo opera como colonizador: tudo extrai e usa para sua finalidade lucrativa monopolizando todos os recursos disponíveis.

Essas duas vertentes teóricas – estudos de recepção e estudos das mídias do *big data* –, dispostas paralelamente, fazem emergir as seguintes questões: os estudos de recepção têm potencial explicativo para as transformações que ocorrem nos meios de comunicação digitais *online*? Como os estudos de recepção respondem aos desafios colocados pelo *big data* na extração, mineração e análise de dados com vistas à manipulação de comportamentos dos usuários das mídias digitais?

Para realizarmos essa discussão, a metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica para a análise crítica das perspectivas autorais. Discute-se o conceito de sistemas (SHANNON, 1948; BERTALANFY, 2008; PARSONS, apud LALLEMENT, 2012) e de *big data* (ZUBOFF, 2018; BRUNO, 2019; COULDRY e MEJÍA, 2019), aplicados à comunicação. Faz-se uma contraposição desses conceitos às perspectivas

dos estudos de recepção latino-americanos (MARTÍN-BARBERO, 1998, 2008; WILLIAMS, 2011; RONSINI, 2018, 2012, 2007). Como resultado, esperamos esboçar uma discussão que poderá trazer pistas para os aprofundamentos mais do que necessários a serem feitos por nós pesquisadores da área da Comunicação.

1. O conceito de sistema e *big data*

Os conceitos são palavras sínteses de significados em contextos específicos. Nas ciências, os conceitos são resultados de trabalho de reflexão e de ação teórico-prática que organizam o conhecimento sobre algum fenômeno. Essa organização dá-se em contexto teórico também específico. Por exemplo: a palavra *sistema* recobre um extenso campo de sentidos. Tem apropriação na biologia, ao tratar dos sistemas vivos; tem apropriação na economia, ao tratar dos sistemas econômicos; na matemática para reportar o relacionamento entre equações. Na comunicação também adquire sentido próprio a partir da Teoria Matemática da Informação (SHANNON, 1948)³. Mas, o importante, é identificar que, embora haja usos particulares em cada área da ciência, o mesmo conceito (*sistema*, no caso) recobre um campo de sentidos matriz. Falar de sistema significa tratar de algo, um conjunto, um todo que se relaciona dentro de uma mesma ordem, ou seja, há uma lógica de relação, cuja lei sintetiza o funcionamento. Trata-se da ordenação das partes em função do todo. A forma do funcionamento em qualquer tipo de sistema é a entropia, ou seja, o grau de desordem operado por mais ou menos elementos do sistema. Na Teoria Matemática da Informação, maior entropia depende de maior quantidade de informação; menor entropia, se dá devido à menor quantidade de informação. Para essa Teoria, o importante é o sinal, o significado não concorre para o cálculo da eficácia da transmissão da informação. Sua aplicação dá-se sobretudo por interesses bélicos geopolíticos, na termodinâmica, no desenvolvimento e aperfeiçoamento dos sistemas de criptografia da informação. Uma das propriedades importantes ressaltadas por Shanon é o grau de incerteza. Segundo o Paulo Coelho Vieira Pinto, em seu doutorado, apresentado na Engenharia de Sistemas e Computação, COPE, UFRJ, 2017, é preciso compreender que a Teoria Matemática da Informação introduz o conceito de informação e ao mesmo tempo o de incerteza, visto que o jogo binário (sim/não; 0/1) lhe é intrínseco.

Para uma melhor compreensão sobre o conceito de informação e incerteza – e uniformização conceitual – (...) faz-se uma ponte entre ao trabalho inicial de Hartley (1928), que não modelou os sistemas de comunicação como probabilísticos, e o trabalho de Shannon (1948), que levou a aleatoriedade em consideração. A abordagem aqui consiste em reconstruir a argumentação teórica de Shannon (1948) e de Hartley (1928), mas ao estilo do último. Ambos procuravam quantificar quanta informação estaria sendo transmitida em um processo de comunicação. Essa abordagem procura evidenciar como a informação e a incerteza se tornaram irmãs antípodas na teoria de

informação. (...) a razão dessa preocupação é que a mesma função matemática é utilizada para realizar medidas de informação e de incerteza (SHANNON, 1948).

Aliado a essa compreensão da informação está o conceito de sistema. Sistema é um conceito forte e central no pensamento moderno e contemporâneo. Alguns nomes se destacam no desenvolvimento de uma teoria geral dos sistemas: Ludwig Von Bertalanffy (1901-1972), Talcott Parsons⁴ (1902-1979) e Niklas Luhmann (1927-1998). Na comunicação e nas denominadas áreas de computação e inteligência artificial o conceito de sistema (informação/incerteza) se faz presente e é eixo central do constructo teórico. A esse conceito alinham-se outros como de transmissão, efeito, controle, função, modelo, equilíbrio, matéria, energia, volume, ator rede, entre outros.

A teoria sistêmica aplicada à sociedade tem como pressuposto que o todo e as partes se coadunam na medida em que as partes, os indivíduos, são peças isoladas, que devem ser incorporadas para exercer uma função no sistema econômico, social e político. A ordem sistêmica emana de um 'ente' maior e é capitaneada pela onipresença das tecnologias e dada pela entropia. Essa concepção sistêmica atualiza-se na ordem econômica e tecnológica contemporânea. Nessa perspectiva, não há possibilidade de outras relações e outros processos. A norma é a adaptação. Essa teoria, que também se tornou uma ideologia (DARDOT; LAVAL, 2016), é operada para criar e explicar as relações sociais e, sobretudo, a comunicação. Tem larga utilização também na administração financeira e na gestão de empresas e pessoas.

Como exemplo do emprego dessa lógica sistêmica, podemos citar o funcionamento da recolha de dados pelo Google e por outras grandes empresas. Elas operam com dados dos consumidores, extraem deles informações isoladas, fragmentadas, particularizadas e, de forma sistêmica, organizam-nas para fins comerciais e até mesmo políticos. Agem assim com naturalidade e autonomia dada pela falta de regulação legal⁵. Querem nos fazer crer, afirma Zuboff (2018), que a tecnologia do *big data* é autônoma, um sistema que opera por si mesmo, “um efeito tecnológico inevitável”. Mas, continua a autora, “o *big data* tem origem no social, e é ali que devemos encontra-lo e estudá-lo (...) é acima de tudo o componente fundamental de uma nova lógica de acumulação, profundamente intencional e com importantes consequências, que chamo de *capitalismo de vigilância*” (ZUBOFF, 2018, p.18).

Para Couldry e Mejías, vivemos a era do “colonialismo de dados”. A concepção sistêmica empregada no *big data* aproxima-nos, segundo os autores, do período colonialista. Não há nada de inocente e natural na organização de mecanismos de captura de dados com fins econômicos. Ou seja, as formas atuais de relacionamento

com os meios de comunicação extrapolam em muito os mecanismos da atuação comercial dos meios analógicos. Ter os dados dos movimentos de sua residência captados pelo Smartphone e pelo SmartTV⁶ é uma realidade pouco discutida no cenário dos direitos dos cidadãos, por exemplo. Essa captura indiscriminada de tudo que está no meio social fere a privacidade e a liberdade de expressão. A lógica do sistema de colonialismo é a da extração e do domínio, estabelecendo, para o cidadão, relação de dependência.

A esses elementos, da lógica sistêmica da extração de dados, somam-se as aplicações das ciências cognitivas para conhecer, influenciar e manipular o comportamento das pessoas. Estudos cognitivos para uso na formulação de propostas publicitárias, propaganda política e gestão estão se popularizando no meio acadêmico, político, publicitário e da saúde e baseiam-se em grande medida nas lógicas sistêmicas (BATISTA e MARLET, 2018; SILVA, s/d). A combinação da extração, mineração e análise de dados com técnicas de apreensão dos reflexos cognitivos da mente são a “nova ordem” do pensamento sistêmico aplicado ao controle social. A sofisticação dessas iniciativas extrapola o setor mercantil e publicitário para se aventurar com sucesso no âmbito da política, como exemplificam os resultados das eleições nos EUA e no Brasil (MOTA, 2017; FLORES, 2017). Ambos processos eleitorais foram marcados pelas estratégias de mineração de dados para compor grupos de perfis emocionais e comportamentais específicos para o envio de mensagens que confundem e fecham possibilidades de perspectivas a outros tipos de discursos. A direcionalidade permitida pelas redes sociais, bolhas de opiniões e pontos de vistas fechados (PARISER, 2011), somada à tática da simulação de situações de medo, ódio e restrições que se alinham ao contexto econômico recessivo mais geral permitiram sucesso eleitoral tanto nos EUA quanto no Brasil.

Ainda em outros exemplos, podemos identificar elevados investimentos feitos nos estudos da mente, cujos objetivos estão diretamente relacionados com o desenvolvimento da denominada ‘inteligência artificial’. A relação de corporações que se apropriam dessa tecnologia é extensa, pode-se afirmar que todas as grandes corporações adotam algum componente dessa tecnologia, sobretudo, para otimizar recursos, baratear e precarizar o trabalho⁷. Esse discurso sobre as benesses da inteligência artificial aparece como facilidades da vida moderna para o consumo e o bem-estar⁸, criando visões sobre a comunicação direta entre as mentes (BBI) e a telepresença etc.

As maravilhas da comunicação direta com a mente de outra pessoa são afirmadas sem quaisquer indícios de problematização sobre o que significaria isso em termos de controle das informações sociais e biológicas dos sujeitos. A naturalização oblitera o fato de que a tecnologia opera a partir de ordens, de sistemas comandados

por grupos econômicos e políticos. Eles investem para dominar conhecimentos, instrumentalizando a ciência para fins próprios.

Desse modo, podemos afirmar a existência de um eixo comum entre todos esses exemplos, do Google, da Amazon às eleições e aos aplicativos da comunicação com a mente. Esse eixo é a perspectiva sistêmica do funcionamento do social e a centralidade da tecnologia como determinante histórica. É a produção de uma tecnociência à serviço de estruturas econômicas e políticas de poder. Não há questionamento sobre se os usos das tecnologias possam ser outros. Nenhuma perspectiva para usos alternativos aos da lógica do controle geopolítico e da concentração de riquezas.

De qualquer modo, em nosso campo de atuação, o que se coloca é a questão da pertinência de falarmos em estudos de recepção na era em que a tecnociência almeja o controle da mente e inclusive o “melhoramento” genético com o objetivo de um ser humano perfeito⁹. Qual o instrumental teórico dos estudos de recepção que nos permite enfrentar a discussão com o setor hegemônico das ciências que pensa a realidade a partir da lógica do *big data*, da funcionalidade dos sistemas e da centralidade tecnológica?

73

2. Podem os estudos de recepção explicar a manipulação do *big data*?

Como afirmamos na Introdução, os estudos de recepção latino-americanos desenvolvem-se a partir da recusa do conceito de comunicação em massa (massa são sempre os outros, afirmou Williams [1969]), da recusa dos conceitos de indústria cultural, de manipulação e de alienação, em benefício de se estudar a cultura das camadas populares, as chamadas classes subalternas, sobrelevando as formas tradicionais, as permanências, as reapropriações e as resistências nos discursos das expressões e manifestações populares. Então, o que dizer em favor desses conceitos a partir do avanço do *big data* como sistema comercial de controle político e comportamental?

As teorias que elegem *sistema* como conceito matriz obliteram de sua análise as relações de poder, os diferentes interesses das classes sociais, naturalizam a desigualdade econômica como se fosse parte do jogo da seleção natural – os mais fortes vencem. A visão sistêmica dá a entender que o poder político e econômico emana naturalmente dos mais preparados que mandam e dirigem, bem como usufruem dos bens e riquezas produzidos socialmente. Tudo que se apresenta como diferente, diverso e crítico à ordem sistêmica é entendido como disfunção, algo abjeto a ser exterminado. Das teorias da propaganda ao controle e antecipação das ações dos consumidores por meio da coleta e análise de dados, o princípio teórico é o mesmo: entropia e controle são as regras.

Nos estudos de recepção, o conceito de poder é a imanência a ser contestada,

visto que a recepção interessa na forma de resíduos, rastros, brechas, resistências, contraposições, reapropriações, negociações, reformulações, ressignificações. Esse ambiente teórico que identifica o poder e busca o popular como contraposição ao anseio das hegemônias (GRAMSCI, 1978) em controlar as opiniões, mentes e comportamentos, é, portanto, uma matriz que se choca com os sistêmicos desejos de interferir diretamente na ação e na reação das pessoas.

Por outro lado, os estudos de recepção veem o poder (econômico, político) como sombra, que assombra, mas não o enfrenta. Dissimula-se essa discussão no conceito de ‘popular’. O ‘popular’ é um conceito *omnibus* no qual se apagam as formas políticas de resistência, os embates entre as classes e também se encobrem o conformismo e a adesão à ideologia dominante. A origem do problema está nos conceitos com os quais se erigiu o edifício teórico dos estudos de recepção. As mediações tornaram-se conceito guarda-chuva para cartografar modos de relação dos sujeitos com os meios de comunicação, aprofundando a colheita de narrativas pessoais sem a análise crítica dessas mesmas narrativas.

Uma das exceções pode ser ressaltada nos trabalhos de Ronsini. A pesquisadora dedica-se ao “estudo das mediações na recepção televisiva, no campo e na cidade, visando entender a relação entre classes populares, etnia e gênero (melodrama)”. Também investiga os usos sociais dos meios de comunicação no cotidiano, destacando *habitus* de classe, práticas culturais e socialização e imaginário (texto do Lattes, 2018). É uma das poucas estudiosas que, a partir de Bourdieu, problematiza a questão das classes sociais e, portanto, do poder como parte da reprodução. Em seus trabalhos Ronsini (2007, 2012) reflete sobre os aspectos conservadores do discurso hegemônico presentes nas narrativas de jovens, de trabalhadores (do campo e da cidade) e de mulheres das camadas populares. Ronsini sempre chamou nossa atenção para a lógica do que emergia dos discursos das camadas populares. Muito mais do que processos de resistência e de emancipação, os discursos dos homens e mulheres no cotidiano traziam à tona aspirações, projeções dos lugares sociais dominantes. Os trabalhos de Ronsini nos permitem compreender que há um descompasso entre os distintos tempos de consumo midiático e das memórias e trajetórias de classes, familiares e de gênero, nem sempre trazidos à tona pelas pesquisas, mas podem ser observados na potencialidade dos conflitos que se dão entre eles (tempos dissonantes). Conflitos, muitas vezes, manifestados como expressão das posições de classe social.

Em recente artigo na revista InTexto, Ronsini (2018, p.114) retoma Raymond Williams para lembrar a predominância do econômico na esfera das relações sociais e culturais. Faz isso sem esquecer de marcar a posição de Williams em sua releitura marxiana, a partir de Gramsci. Na abordagem de Williams, o social e o cultural libertam-se da interpretação simplista e positivista, em que a sociedade e a cultura são

meros reflexos da base material

Ao assim se manifestar, Ronsini nos permite compreender que as mediações culturais são reveladoras dos conflitos sociais, das disputas entre as classes, da submissão e de subalternidade, bem como da figuração do que o hegemônico pode conter de contra hegemônico. Nessa acepção, o poder deixa de ser sombra para ser o centro das revelações do processo de investigação, muito mais do que revelar como usam os meios de comunicação agora digitais, os rastros dos usos revelam ou podem revelar como as pessoas se relacionam com as estruturas de poder. Ou seja, os estudos da autora revelam como se produzem as ideologias e como elas circulam e se estabelecem no cotidiano.

Desta feita, as perguntas que nos desafiam dizem respeito a como os estudos de recepção podem, diante da onipresença das tecnologias digitais e do *big data*, reivindicar seu potencial explicativo como teoria social crítica dos meios de comunicação.

3. Recolocar a dimensão histórica e das relações de produção nos mapas barberianos

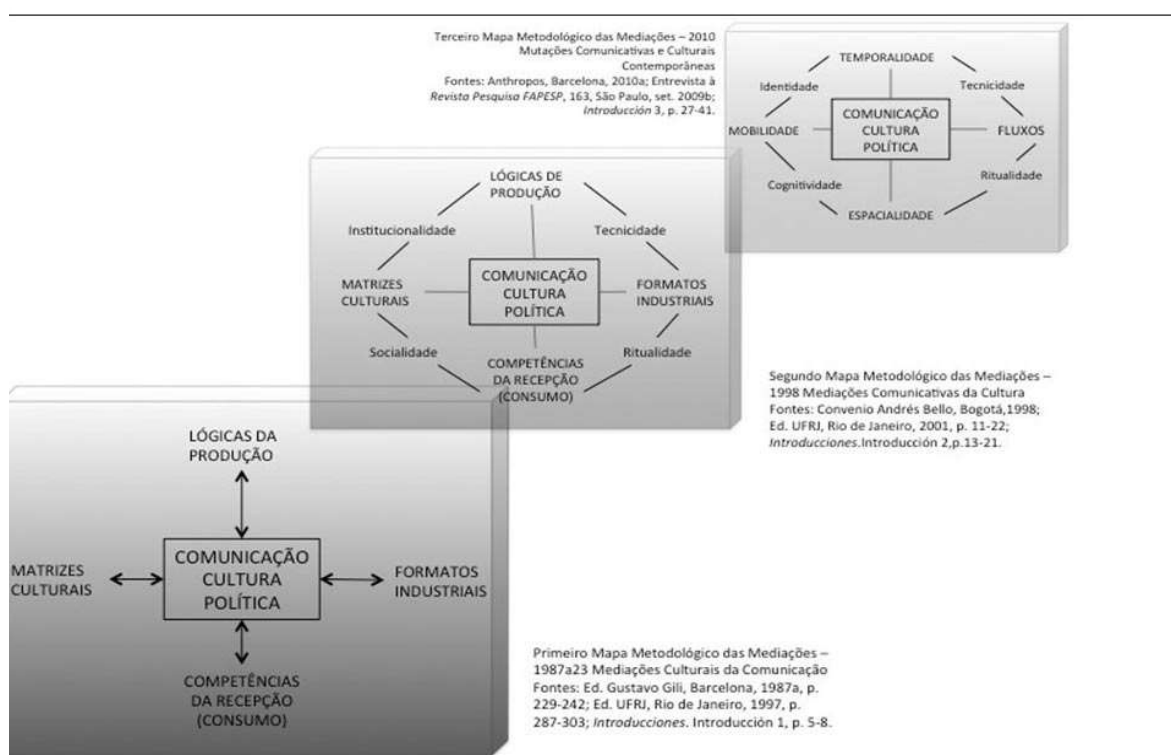
75

Essa tarefa pode ser facilitada ao retomarmos os mapas noturnos de Jesús Martín-Barbero. Eles foram iniciados com as dimensões diacrônica (história) e sincrônica (cotidiano), manifestas nas lógicas de produção e de circulação e nas lógicas dos formatos industriais e das matrizes culturais, eixos em que poder/história se manifestam com mais clareza. Mas, ao longo de seus detalhamentos, essas dimensões foram sendo perdidas. O mapa de 2010¹⁰ desloca a diacronia e a sincronia como aspectos gerais da cultura da comunicação e da política, para especificar separadamente o cotidiano nos eixos da temporalidade e da espacialidade, um cronotopo cuja dimensão cognitiva e tecnológica é voltada para o cotidiano em detrimento das condições de produção e circulação, aspectos mais gerais que contextualizam os processos comunicacionais. Ao abdicar da noção de cronotopo como dimensão de totalidade, corre-se o risco da perda da noção da história e, portanto, da dialogia (BAKHTIN, 1992), fundamental em todos os discursos. Aqui tomamos a noção de cronotopo manifesta por Bakhtin (1992) para os estudos literários, no sentido de ressaltar a mudança das noções tempo/espaciais em que a comunicação acontece, sobretudo nos meios digitais. A dimensão tempo/espço diluída na presentificada no digital precisa voltar para a contextualização das condições de produção e circulação da comunicação em uma sociedade de classes.

Avaliamos, desse modo, que o mapa de 2010, desconectado dos demais mapas, dá relevância às lógicas sistêmicas dos fluxos e da mobilidade, aspecto que ressalta

a tecnicidade como o observável privilegiado no micro das relações sociais. Os usos sociais da tecnologia no cotidiano do receptor exacerbam o que o sujeito faz com os meios, sem considerar que os atuais meios deixaram de ser analógicos, para serem meios, mais do que produtores de conteúdo, captadores de informações diretas de seus usuários. Os dados captados pela atividade de trabalho do usuário (HUWS,2017). As pesquisas de recepção correm, assim, o risco de deixar de problematizar o contexto de produção mais geral e as mudanças da forma e da expressão da cultura em relação ao poder político e econômico. Os estudos de recepção precisam sair da infância da busca dos sentidos libertados, para engajar-se na compreensão de como estudar a atividade do receptor como a de um trabalhador usuário. A comunicação como trabalho¹¹.

Figura 1: Mapas metodológicos das mediações



Fonte: A autora a partir de Lopes (2018. p.39-64).

Os mapas metodológicos das mediações não são excludentes. Eles devem ser entendidos em perspectiva. O primeiro demarca as lógicas de produção e as competências de recepção no eixo sincrônico; as matrizes culturais e os formatos industriais compõem o eixo diacrônico e nos dão dimensão histórica ampla. Em perspectiva de camadas e profundidade, os demais mapas especificam a investigação e direcionam o olhar do investigador para atentar como os eixos do cotidiano e da história têm adentramentos específicos, no entanto, se relacionam. Ou seja, as lógicas de produção precisam ser observadas no cronotopo (tempo-espço), em termos de

fluxos e mobilidade; assim se deve proceder para com as matrizes culturais e os formatos industriais.

Dessa forma, pode-se retomar o fundamento dos estudos de recepção nos termos dos resíduos, rastros, brechas, reapropriações, resistências, contraposições, negociações, reformulações, ressignificações, de onde emerge necessariamente o conceito de hegemonia¹² (GRAMSCI, 1978). Esse conceito permite apreender o movimento dialético, a contradição permanente da história, no contexto das estratégias e das táticas políticas. Ou seja, hegemonia se constitui no movimento de constante negociação que se dá na vida social entre as ideologias constituídas, as ideologias do cotidiano (valores do senso comum) e a contra hegemonia. Esse movimento político abarca toda a estrutura social, perpassa a cultura, a educação, a arte, os meios de comunicação e se materializa institucionalmente na política partidária e em outras instituições do Estado e nos conglomerados econômicos que controlam as informações dos cidadãos, as empresas de plataformas. A hegemonia é expressão da luta de classes, atualizada na disputa pelo controle do conhecimento técnico científico e na forma de seu uso.

77

3.1. Sair do popular e chegar ao sujeito histórico

Ao assim reposicionar os mapas barberianos, precisamos também retomar a ideia de ‘receptor’ como indivíduo/social. O conceito de indivíduo/social histórico é produtivo para os estudos de recepção, porque atualiza nossa compreensão de *práxis* social como fundamento do humano, afastando-nos da concepção sistêmica da inteligência artificial e da humanização da máquina.

O ser humano é vital, natural, histórico e social (SCHAFF, 1967). Isso significa que o ser humano é um indivíduo/social. Sua existência real vital realiza-se no social e cultural: nas relações objetivas de lutas e contradições sociais. Logo, afirma Baccega (1998), “o indivíduo/sujeito não é independente: tem suas amarras nos condicionamentos da sociedade em que vive. É, porém, autônomo, ou seja, capaz de reelaborar essa carga, produzindo o novo” (p.36). O sujeito é indivíduo (particular) e, ao mesmo tempo, é social, fruto do processo histórico. É ser histórico, responsável por seus atos.

Se esse movimento de afirmação e negação é intrínseco à existência objetiva do sujeito, assim também esse movimento se repete para compreendermos os processos de produção e circulação dos sentidos. As contradições são matérias para o pesquisador dos processos de recepção. Lembremos que as matrizes culturais estão eivadas pelas ideologias dominantes; e as lógicas de produção são racionalizações dos processos de trabalho que viabilizam os produtos culturais na forma mercadoria.

Nesse desenho teórico, o conceito de sistema é recolocado sob as leis da dialética. Nessa acepção, o sistema é aberto e subordinado ao *metabolismo* do movimento social e histórico. Mesmo na natureza, a lógica sistêmica não pode ser funcional, as contradições inerentes à transformação da matéria fazem dialogar natureza e sociedade¹³. O ineditismo e a causalidade são aspectos do movimento dialético. No que diz respeito aos algoritmos e ao controle da máquina sobre a sociedade, é necessário voltar a ideia de poder e de política. Zuboff (2018) bem o esclareceu ao cunhar o termo ‘capitalismo de vigilância’. Os interesses de grupos hegemônicos se sobrepõem ao bem-estar da maioria e à emancipação das pessoas. Essas lógicas não são inerentes ao movimento da história, elas dependem da regulação pela vigilância e pelo controle.

Nesse sentido, retomar o pensamento social crítico e dotar os estudos de recepção de elementos que permitam entender o movimento das contradições e dos embates do hegemônico, do senso comum e do contra hegemônico. Pautar a interrelação do particular ao geral (micro/macrossocial) e desenhar as relações entre comunicação, cultura e poder podem fazer os estudos de recepção alcançarem um outro patamar. A pertinência dos estudos de recepção é destacar o enfoque político das relações de comunicação, para sobrelevar a ação do indivíduo/social e suas condições em se colocar no mundo; bem como de identificar no processo de comunicação como as relações de produção intensificam as disputas pela hegemonia.

78

Assim, intensificar as pesquisas empíricas nas redes digitais, cartografar os caminhos percorridos pelos receptores na circulação das mensagens e as ações e interações nos meios digitais têm a finalidade de compreender as relações de comunicação e o que nesse contexto elas confluem em termos de hegemonia e contra hegemonia, maior ou menor controle.

À cartografia barberiana (aos eixos sincrônicos e diacrônicos, as temporalidades e as espacialidades), acrescente-se a compreensão de que operar com cada aspecto das mediações requer entender o movimento dialético, cujo motor é a contradição. O metabolismo do Capital está presente em todos os eixos, espaços e tempos, mas também está presente o seu contrário. As pesquisas de recepção têm um potencial de *pesquisa ação* (PERUZZO, 2005), aquela que também atua como parte do processo e o transforma.

A título de conclusão

Iniciamos este artigo fazendo perguntas sobre o potencial explicativo dos estudos de recepção frente às transformações nos meios de comunicação digitais online. Para argumentar afirmativamente sobre a potencialidade dessas pesquisas,

fizemos um caminho que tomou como eixo o conceito de sistema. Essa escolha permitiu sintetizar nessas poucas páginas a trajetória do pensamento hegemônico sobretudo como se estabeleceu o conceito de sistema desde o final do século XIX até os dias atuais. A teoria geral dos sistemas, em suas diferentes ramificações pelas áreas científicas, propõe entender o objeto em estudo como um sistema, cuja retroalimentação se dá pelo jogo entre as partes em função do todo. Entender assim o sistema circulatório, por exemplo, ou o sistema de refrigeração de computadores traz ganhos. Mas aplicado a outras situações traz prejuízos por suas limitações. Imagine-se então querer entender as relações sociais como um sistema em que as funções estão pré-estabelecidas e as contradições serviriam apenas para retroalimentar o próprio sistema. Como ficam as relações de poder? Como tratar a materialidade da ação dos sujeitos, a historicidade, o acaso e mesmo o ineditismo da ação humana?

Se o conceito de sistema é produtivo para pensarmos alternativas a ele no campo científico, serve também para compreendermos os sistemas eletrônicos digitais como artefatos da cultura (FOLCHER; RABARDEL, 2007). Pois, trazem em si as lógicas de sua concepção, lógicas que estão alinhadas aos interesses econômicos e de poder político hegemônicos que os criaram. Os sistemas tecnológicos não escapam à ordem social e política de seu tempo. Os sistemas digitais representam sem dúvida grande avanço do conhecimento humano, mas na ordem da exploração e da concentração de recursos, servem, em primeira instância, ao aprofundamento das desigualdades, ao controle, à banalização da vida. Nesse sentido, os estudiosos da recepção, ao realinharem os mapas noturnos de Jesús Martín-Barbero, não devem se esquecer de toma-los em dimensão perspectiva e de unidade para rastrear como o poder político e econômico se revelam em sinais, signos e símbolos no contraditório movimento por hegemonia.

No cenário de desafios manifestos pela nova lógica de acumulação e exploração, estruturada no *big data*, seja como Capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2018) seja como Colonialismo (COULDRY; MEJIAS, 2018), os cientistas da comunicação voltam seu olhar para a civilização humanista. A ciência não se faz pela ciência. O conhecimento está a serviço da vida e da humanização da humanidade. Arte e Ciência, como muitos já disseram, são expressões da capacidade do ser humano humanizar-se, são frutos do trabalho humano. Os estudos de recepção ao buscarem a compreensão da circulação e dos usos e práticas culturais podem prestar contribuição efetiva para que possamos compreender os conflitos e os dilemas da sociedade bem como os enfrentamentos ao *big data*.

Referências

AUGUSTIN, Sergio; ALMEIDA, Angela. Da compreensão materialista e dialética das relações ecológicas ao conceito de desenvolvimento sustentável. **Desenvolvimento em**

Questão. Editora Unijuí. Ano 4. n° 7 - jan./jun. 2006.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem.** Discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

BATISTA, Leandro Leonardo; MARLET, Ramon Queiroz. Comunicação, Neurociência e a Recepção Não-Declarada. **REVISTA FAMECOS (ONLINE)**, v. 25, p. 27225-27245, 2018.

BERTALANFFY, Ludwig Von. **A teoria geral dos sistemas.** Petrópolis:Vozes, 2008.

BRUNO, FERNANDA. et.al. (Orgs.) **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem.** São Paulo: Boitempo, 2018.

BRUNO, FERNANDA. Visões maquínicas da cidade maravilhosa: do centro de operações do Rio à Vila Autódromo. In: BRUNO et.al. (org.) **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem.** São Paulo: Boitempo, 2018. p. 239-256.

COULDRY, Nick, MEJIAS, Ulises A. Data Colonialism: Rethinking Big Data's Relation to the Contemporary Subject. **Television & New Media.** Sage, 2018, p. 1-14.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo.** Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE LUCA, Cristina. Teles e gigantes da Internet querem anular lei de privacidade. **Blog Porta23.** Disponível em: <https://porta23.blogosfera.uol.com.br/2018/09/29/teles-e-gigantes-da-internet-querem-anular-lei-de-privacidade-da-california/> Acesso em: 13 mai. 2019.

FLORES, Paulo. O que a Cambridge Analytica, que ajudou a eleger Trump, quer fazer no Brasil? **NEXO JORNAL.** 08.dez.2017. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/12/08/O-que-a-Cambridge-Analytica-que-ajudou-a-eleger-Trump-quer-fazer-no-Brasil> Acesso em: 10 mai. 2019.

FOLCHER, V. RABARDEL, P. Homens, artefatos, atividades. In: FALZON, P. (ed.) **Ergonomia.** São Paulo: Blucher, 2007.

FREDERICO, Celso. A sociologia da literatura de Lucien Goldmann. *Revista Estudos Avançados.* v.19 n.54 São Paulo maio/ago. 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142005000200022>

GONZÁLEZ, Carolina; RODRÍGUEZ, Mauro; MARCOS, Claudia. **Modos de vagancia.** Disponível em: <https://modosdevagancia.wordpress.com/2009/11/05/marcos-gonzalez-rodriguez-rec-1er-parcial/>. Acesso em: 13 mai. 2019.

GRAMSCI, Antonio. **Obras escolhidas.** São Paulo: Martins Fontes, 1978.

HARA, Kataro *et. al.* A Data-Driven Analysis of Workers' Earnings on Amazon Mechanical Turk. CHI, April 21–26, 2018, Montreal, QC, Canada. Disponível em: <https://arxiv.org/ftp/arxiv/papers/1712/1712.05796.pdf> Acesso em: 13 mai. 2019.

HARA, Kataro *et. al.* A Data-Driven Analysis of Workers' Earnings on Amazon Mechanical Turk. **ACM CHI Conference on Human Factors in Computing Systems**, (CHI 2018) from 21 April – 26 April at the Palais des Congrès de Montréal, Canada. Disponível em: <https://arxiv.org/ftp/arxiv/papers/1712/1712.05796.pdf> Acesso em: 13 mai. 2019.

- LALLEMENT, Michel. **História das ideias sociológicas**. De Parsons aos contemporâneos. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LOPES, Maria Immacolata V. A teoria barberiana da comunicação. **Matrizes**, Vol. 12, n. 1, 2018. p.39-64.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: três introduções. **Matrizes**, Vol. 12, n. 1, 2018. p. 9-31.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MORAES, Glaucia da Silva Mendes. O conceito de hegemonia no percurso dos meios às mediações. **Matrizes**. Vol.12, n.1, 2018, p. 171-188.
- MOREIRA, Esdras. Novas tecnologias da comunicação e o futuro das nossas relações. **Blog Transformação Digital** (30/01/2019). Disponível em: <https://transformacaodigital.com/novas-tecnologias-de-comunicacao-e-o-futuro-das-nossas-relacoes/> Acesso em: 30 jan. 2019.
- MOTA, Camila Veras. Robôs e ‘big data’: as armas do marketing político para as eleições de 2018. **BBC Brasil**. 26/09/2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/09/1921831-robos-e-big-data-as-armas-do-marketing-politico-para-as-eleicoes-de-2018.shtml> Acesso em: 10 maio. 2019.
- MOTTA, Fernando C. Prestes. A teoria geral dos sistemas na teoria das organizações. **Revista Administração de Empresas**. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 17-33, Mar. 1971. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901971000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901971000100003>.
- MOTTA, Fernando C. Prestes. A teoria geral dos sistemas na teoria das organizações. **Revista Administração de empresas**. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 17-33, Mar. 1971. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901971000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 jan. 2019.
- O GLOBO. 09/02/2015. **Samsung adverte: cuidado com o que você diz em frente a sua tv inteligente**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/samsung-adverte-cuidado-com-que-voce-diz-em-frente-sua-tv-inteligente-15286181> Acesso em: 3 fev. 2019.
- PARISER, Eli. **O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahaar, 2011.
- PERUZZO, Círcia M.K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, J., BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- PINEDA, José Octavio Carvalho. **A entropia segundo Claude Shannon**. 2006. 124f. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- PINTO, Paulo Coelho Ventura. **Entropia, Informação e Qualidade: de um Perceptron para Avaliar Similaridade entre Strings até um Modelo de Campos Conservativos**. 2017. 202 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Sistemas e Computação). UFRJ/

COPPE, Rio de Janeiro, 2017.

RONSINI, Veneza. Trajetos com Jesús (e para além): autoanálise da pesquisa dos usos sociais da mídia. **Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p. 107-118, set./dez. 2018. <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201843.107-118>.

RONSINI, Veneza. A Crença no Mérito e a Desigualdade - a recepção da Telenovela no horário nobre. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RONSINI, Veneza. Mercadores de Sentido - Consumo de Mídia e Identidades Juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SADER, Emir. Apresentação. In: MARX, K; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SILVA, Manuel José Lopes da. Processos cognitivos na comunicação social. **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**. ISSN: 1646-313. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-lobes-procscognitvnacs.pdf> Acesso em: 10 mai. 2019.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: EdUnesp, 2011.

WILLIAMS, Raymond. Base and superstructure in marxist cultural theory. In: MUKERJI, Chandra; SCHUDSON, Michael (Ed.). **Rethinking popular culture: contemporary perspectives in cultural studies**. Berkeley: University of California Press, 1991. p. 414-416.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. 1780-1950. São Paulo: Nacional, 1969.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: Capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. (trad. De Cruz e Cardoso) In: BRUNO, F. et.al. (Orgs.) **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018. p.17-67

82

Notas

¹ É importante esclarecer que este capítulo é fruto de uma série de discussões e uma publicação anterior. Ele começou a ser desenhado a partir do desafio de preparar, em 2018, um artigo para o Encontro Nacional da Compós para o ano seguinte. Naquele momento, a questão central era pensar a relevância dos estudos de recepção na abordagem das mediações comunicativas na cultura em relação à influência das teorias sistêmicas das mídias digitais no âmbito da área da Comunicação. Essa discussão estava sendo proposta no contexto do Grupo de estudos de recepção, circulação e usos sociais das mídias, da Compós, e dessa forma, a discussão do *paper* no processo do GT trouxe-nos inúmeras reflexões para aprofundamentos. Ainda em 2019, submeti o artigo à Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – RBCC, da Intercom. Também aí houve contribuições dos pareceristas ao artigo. Os comentários e sugestões foram incorporados e o artigo publicado no volume 43, n. 3 de 2019. Durante o processo de submissão e revisão do artigo, também realizamos a missão PROCAD, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Em missão, tivemos a oportunidade de apresentar de forma sistematizada as reflexões trazidas naquele texto e obter contribuições dos discentes e docentes que participaram do seminário. Dessa forma, o capítulo que aqui apresentamos é fruto de todas essas contribuições e desse percurso de reflexões, consolidando

um período de pesquisas no PROCAD. Há alterações no conjunto do texto do artigo, mas de modo geral o texto publicado na RBCC se manteve. Também amadurecemos para alterar o título de Potencial explicativo dos estudos de recepção para Potencial crítico dos estudos de recepção no contexto do *big data*.

² Professora livre docente, coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP e do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho – CPCT/ECA-USP. Diretora editorial da revista Comunicação & Educação. E-mail: roseli.figaro@gmail.com

³ “Para relacionar la cantidad de información (*I*) con la probabilidad, Shannon presentó la siguiente fórmula: $I = \log_2 1/p$. Donde *p* es la probabilidad del mensaje que se transmite y \log_2 es el logaritmo de $1/p$ en base 2. (\log_2 de un número dado X es el exponente Y al que tiene que ser elevado el número 2 para obtener dicho número X. Por ejemplo, \log_2 de 8 = 3, porque $2^3 = 8$). Utilizando esta fórmula, obtenemos que los mensajes *cara* y *cruz* tienen una cantidad de información de $\log_2 2 = 1$ ”. Ver em: Carolina González; Mauro Rodríguez. Claudia Marcos. Disponível em: <https://modosdevagancia.wordpress.com/2009/11/05/marcos-gonzalez-rodriguez-rec-1er-parcial/>

“Os aspectos materialistas de seu pensamento podem ajudar a explicar seu afastamento em relação à Teoria da Informação. Para alguns, o afastamento teria se dado pelo descontentamento com os rumos que a Teoria havia tomado: a distorção de seus conceitos quando aplicados noutras disciplinas o incomodava.” Ver em: Pineda, J.O.C. A entropia segundo Claude Shannon. PUC-SP, 2006. Disponível em: <https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/13330/1/PINEDA,%20J%20O%20C%20-%20A%20Entropia%20segundo%20Claude%20Shannon.pdf>

⁴ Para Parsons “**todo sistema social enfrenta quatro imperativos funcionais** aos quais não pode deixar de satisfazer. Tais imperativos são o da **manutenção**, satisfeito pelos valores sociais e subsistemas culturais, o da **integração**, satisfeito pelas normas sociais e subsistemas sociais, o do atingimento de metas, satisfeito pelas coletividades sociais e subsistemas políticos e o da **adaptabilidade**, satisfeito pelos papéis sociais e subsistema econômico. A manutenção se refere à estabilidade do sistema de valores institucionalizados; o atingimento de metas refere-se à relação entre o ator e um ou mais objetos da situação, relação esta que maximiza a estabilidade do sistema, já que este precisa atingir metas através do controle dos elementos da situação; a adaptabilidade refere-se ao controle, ele próprio, do ambiente para o atingimento de metas e, finalmente, a integração refere-se à manutenção de solidariedade entre as unidades para o funcionamento eficiente do sistema.” In: MOTTA, Fernando C. Prestes. A teoria geral dos sistemas na teoria das organizações. **Revista Administração de empresas**. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 17-33, Mar. 1971. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-7590197100010003&lng=en&nrm=iso>. Access on 31 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901971000100003>. Citado de Wallace, Walter L. **Sociological theory**. Chicago. Aldine Publishing, 1969.

⁵ Vale citar os esforços para aprovar e fazer valer a lei de proteção da privacidade na Internet. Ver: DE LUCA, Cristina. Teles e gigantes da Internet querem anular lei de privacidade. Blog Porta23. Disponível em: <https://porta23.blogosfera.uol.com.br/2018/09/29/teles-e-gigantes-da-internet-querem-anular-lei-de-privacidade-da-california/> Acesso em: 13 mai. 2019.

⁶ Matéria do jornal O Globo, de 09/02/2015, afirma que a Samsung alertou em seus documentos o perigo da colheita de dados via smart tv: “Por favor, esteja ciente que se suas palavras incluírem dados pessoais ou outras informações sensíveis, essa informação estará entre os dados capturados e transmitidos para terceiros pelo uso do reconhecimento de

voz”, diz a Samsung. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/samsung-advertido-com-que-voce-diz-em-frente-sua-tv-inteligente-15286181> Acesso em: 3 fev. 2019.

⁷ Sobre esse assunto, ver Amazon Turk, exploração do chamado microtrabalho – pessoas que dão o clique no reconhecimento das informações - que faz a vez da inteligência artificial. In: HARA, Kataro et. al. A Data-Driven Analysis of Workers’ Earnings on Amazon Mechanical Turk. ACM CHI Conference on Human Factors in Computing Systems, (CHI 2018) from 21 April – 26 April at the Palais des Congrès de Montréal, Canada. Disponível em: <https://arxiv.org/ftp/arxiv/papers/1712/1712.05796.pdf> Acesso em: 13 mai. 2019.

⁸ No artigo de Esdras Moreira, no blog Transformação Digital (30/01/2019), o autor salienta os benefícios dos meios digitais e anuncia o que nos aguarda muito proximamente: Telepresença: Robôs de telepresença, como o Beam, representam a futura geração de comunicação face a face, permitindo a sua participação e movimentação como se você estivesse presente fisicamente; Mundos virtuais: permitirá que você esteja com uma ou mais pessoas, não de forma presente, mas num mundo virtual de alta resolução, no que seria uma réplica muito semelhante, dialogando e compartilhando como se fosse real; Interface cérebro-computador: essa modalidade diz respeito à capacidade de conectar nossa mente ao computador e vice-versa, permitindo uma ligação mais íntima de comunicação. E esse potencial não se restringe a manipular máquinas com nossos pensamentos, mas abrir possibilidades para estabelecer uma direta comunicação com o cérebro de outra pessoa — comunicação mente-mente ou BBI. Disponível em: <https://transformacaodigital.com/novas-tecnologias-de-comunicacao-e-o-futuro-das-nossas-relacoes/>. Acesso em: 13 mai. 2019.

⁹ A revista Nature publicou em nov. 2018 o artigo: Genome-edited baby claim provokes international outcry. The startling announcement by a Chinese scientist represents a controversial leap in the use of genome editing. Disponível em : <https://www.nature.com/articles/d41586-018-07545-0> Acesso em: 31 jan. 2019.

¹⁰ Terceiro Mapa Metodológico das Mediações – 2010. Mutações Comunicativas e Culturais Contemporâneas. Fontes: Anthropos, Barcelona, 2010a; Entrevista à *Revista Pesquisa FAPESP*, 163, São Paulo, set. 2009b; *Introducción* 3, p. 27-41. Ver detalhes em Lopes, M. I.V. Teoria barberiana da comunicação. Matrizes. Vol. 12, n. 1, 2018, p. 39-63.

¹¹ Esse é um tema a ser desdobrado e aprofundado a partir do conceito de atividade de comunicação e de trabalho.

¹² Sobre a influência de Gramsci no pensamento de Martín-Barbero, ler o artigo: MORAES, Glaucia da Silva Mendes. O conceito de hegemonia no percurso dos meios às mediações. Matrizes. Vol.12, n.1, 2018, p. 171-188.

¹³ Marx utilizou o conceito de “falha na relação metabólica” entre os seres humanos e a terra para captar a alienação material dos seres humanos dentro da sociedade capitalista das condições naturais que formaram a base de sua existência, as quais denomina: “a[s] perpétua[s] condição[ões] da existência humana imposta[s] pela natureza”. In: AUGUSTIN, Sergio; ALMEIDA, Angela. Da compreensão materialista e dialética das relações ecológicas ao conceito de desenvolvimento sustentável. Desenvolvimento em Questão. Editora Unijuí. Ano 4. n° 7 - jan./jun. 2006.